

Onde começa e onde termina a arte do Sr. Lothar?

Com esta frase, há cerca de 30 anos, um crítico da Bahia expressava sua dúvida pela arte de Charoux, e fixava no pintor esta espécie de marca registrada precursora de grande artistas: a polémica e a incompreensão pela sua obra.

“Os artistas quase sempre estão alguns anos à frente do público. Leva tempo até que sejam compreendidos e aceitos pela maioria” — com esta certeza Charoux pouco se intimidou com a crítica, ao exibir corajosamente a sua pintura abstracionista em uma época em que poucos ainda atreviam-se a transpor os limites do figurativo. Uma paisagem de barcos — na qual muitos pareciam ver, unicamente, “gravetos” — apresentada de forma precária, pintada sobre uma cartolina e com uma pobre moldura.

“Naquele tempo o dinheiro era curto. Eu pintava sobre cartolina e muitas vezes aproveitava o outro lado para fazer um novo quadro”.

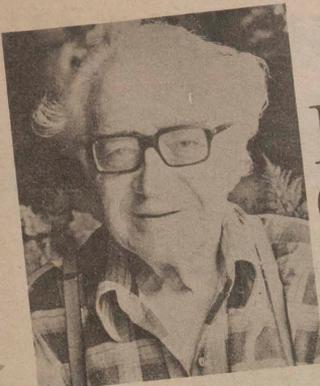
E naqueles “gravetos”, já se podia enxergar aquele que seria o elemento principal da pintura de Charoux: o traço. Ele próprio fora um figurativo ao iniciar seus estudos no Liceu de Artes e Ofícios, mas pouco a pouco começou a distanciar-se da realidade, distorcendo-a em imagens abstratas até atingir um estilo ao qual permanece fiel por 3 décadas: o abstracionismo geométrico.

Mas, voltemos agora à pergunta do crítico: onde começa e onde termina a arte de Charoux? Ela começa em um pequeno ponto, um fecho de luz no espaço e termina na imensidão do infinito. Partindo da forma mais simplificada, “uma linha só, se possível”, ele é capaz de redobrá-la, multiplicá-la ilusoriamente, transportando-nos a um campo visual sem limites.

“Simplificar, criar na síntese o impacto maior, com um mínimo de empenho e um máximo de resultado”.

Eis a meta de Charoux. E basta uma retrospectiva em sua obra para comprovarmos sua evolução nítida em direção a simplicidade total. Quadros mais antigos exibem maior complexidade em um maior número de linhas. Já nos mais recentes, joga, às vezes unicamente com dois traços de cores puras — uma constante em todas suas fases — que sobre o fundo preferencialmente preto, ganham mobilidade, profundidade, intensidade.

“Não é como dizem que o camarada



LOTHAR CHAROUX

por Tamára Leftel

não sabe pintar, então, faz uso de poucas linhas. Na realidade, é muito mais difícil causar impacto com poucas linhas”.

É preciso, certamente, uma pesquisa óptica muito mais profunda, pureza de cores e perfeição de linhas total: “Quadros precisos, exatos”.

Porisso, apesar de toda esta sua exaltação à simplicidade, Charoux poderia ser considerado um perfeccionista extre-

da arte, no Brasil”.

Também no exterior, onde participou de exposições pela Europa, EUA, Japão e outros países da América Latina, afirma ter encontrado uma boa receptividade ao trabalho de artistas brasileiros. Para o futuro, ele inclui uma nova série de exposições pelo exterior.

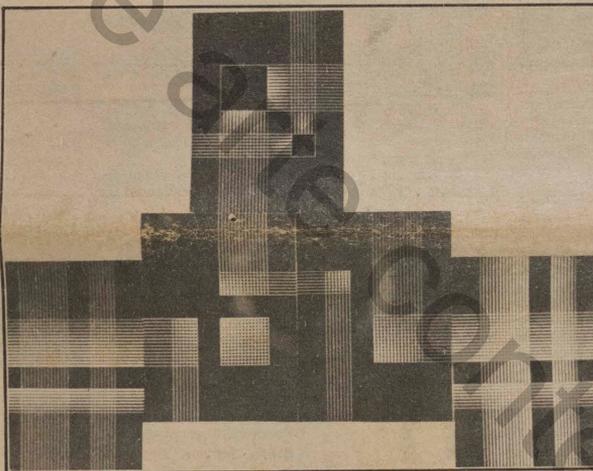
Ainda para o futuro, Charoux guarda inúmeros projetos. Tem-se a impressõ

E outras inovações suas: ao invés de emoldurar suas pinturas, Charoux transformou-as em objetos, fundindo os quadros em policristal transparente. Projetou, também, luminárias que irradiam luz através de pequenas esculturas de vidro, fundidas igualmente em blocos de poliéster, que a cada ângulo apresentam diferente variação de cores e formatos.

E, confirmando este seu espírito inovador e brincalhão, Charoux resolveu chocar a rigidez das pessoas que não conseguem ver um quadro pendurado fora de alinhamento e criou o “equilíbrio restabelecido”. São quadros em que o artista, propositalmente, desenha linhas em desequilíbrio que para serem ajustadas requerem que os quadros sejam pendurados tortos na parede. Mas, não é uma simples brincadeira, e sim, uma nova linguagem: “Trata-se de criar um acidente ocasional para chamar a atenção dos indivíduos”.

Assim, trazendo constantemente novas propostas, Charoux em 40 anos de atividade artística, conseguiu manter-se sempre na vanguarda. O seu segredo talvez esteja concentrado nestas palavras: “a arte está no olhar, no tacto. E preciso estar aberto e receptivo para captá-la”.

E conclui: “o importante mesmo é criar, independentemente da aceitação dos outros. Como no amor, ainda que não correspondido, o que importa realmente é amar”.



mamente rígido. O ciclo completo de sua obra seria um apurado e difícil trabalho de execução, para uma apresentação simples e um impacto grandioso.

“Todos impressionam-se no Egito com a visão das pirâmides colossais. E o que são elas, senão um triângulo perfeito? É na perfeição das linhas, seja um triângulo, um traço ou um ponto que encontramos a beleza. E isso, por vezes, é imperceptível. Como ao olharmos para o horizonte maravilharmo-nos, sem perceber, com nada mais que uma única linha perfeita traçada no espaço”.

Mas apesar desta sua severidade estética, talvez uma herança cultural de sua origem austríaca, Charoux é uma figura informal, com jeitinho brasileiro, bem-humorado e sempre com uma estória engraçada e verídica pronta para nos contar. Como o caso daquela senhora que comprou um quadro seu e anos mais tarde o trouxera de volta, pedindo-lhe que trocasse o fundo do quadro por uma outra tonalidade a qual combinasse com a nova cor de suas paredes da sala que haviam sido repintadas.

E, apesar de tais experiências, Charoux declara sentir um crescente interesse pela arte em nosso país, uma maior valorização da pintura, chegando a afirmar que “hoje, já é possível viver-se somente

de seu cérebro ser um verdadeiro laboratório de idéias sempre em ebulição. Pesquisando novas técnicas, diferentes materiais, a renovação constante, Charoux não é somente um precursor de determinada época, mas um eterno inovador.

Atualmente, tenta introduzir os módulos multi-combináveis. Trata-se de uma série de quadros (cada qual, um módulo, executados pelo artista a partir de um tema constante com variações ora ressaltando faixas estreitas, ora largas e contendo entre si linhas de junção e continuidade. Assim, uma pessoa compraria alguns módulos (posteriormente poderia ir adquirindo outros mais) e os disporia em uma parede com liberdade, fazendo combinações a seu gosto.” Um jogo de criatividade. A verdadeira participação do indivíduo na obra de criação”. Charoux amplia esta mesma idéia para longos paredões, onde poder-se-iam montar verdadeiros murais. E, encontra até uma fórmula de lazer: empresários poderiam possuir uma réplica em miniatura dos módulos e como em um jogo de dominó, ir compondo num tabuleiro o tipo de

painel desejado, o qual seria depois utilizado como modelo para os funcionários na hora de pendurar os quadros na parede.

